

O processo de urbanização em Itajaí nos anos 70 e a Praia Brava

*Gloria Alejandra. G. Luna**

Resumo

O artigo mostra a relação entre o Balneário Santa Clara, ou Praia Brava, situada no extremo sul da cidade de Itajaí, e o processo de urbanização na década de 1970 que contemplava uma remodelação e modernização urbana. Neste contexto, discuto a ausência da Praia Brava no discurso de urbanização da cidade, já que esta (a praia), está localizada entre Cabeçadas, uma praia que no início de século XX era considerada para elite de Itajaí, e Balneário Camboriú que na década de 1970 já era considerado como uns dos pontos de veraneio mais badalados em Santa Catarina.

Palavras Chave: História de Itajaí – memória – Reforma urbana.

Abstract

This article shows the relation between Balneário Santa Clara, or Praia Brava, located in the southern of Itajaí City, and the urbanization process in the 1970's that contemplated one remodeling and modernization of the city. In this context, argue the absence of Praia Brava in the speech of urbanization of the city, since that this (the beach), is located between Cabeçadas, one beach that in the early century XX was considered for the Itajaí's elite, and Balneário Camboriú that in the 1970' decade since was considered like one of the beaches more applied in the Santa Catarina.

Key Words: Itajaí history – memory - urban reform

Este artigo pretende mostrar qual a relação entre o Balneário Santa Clara, localidade mais conhecida popularmente por Praia Brava situada no extremo sul da cidade de Itajaí, e o processo de urbanização na década de 1970 que contemplava uma remodelação e modernização urbana. É através das fontes, sejam elas orais ou escritas, que procuro encontrar estes pontos de contato que de alguma forma influenciaram a transformação do cenário agreste da Praia Brava para o assentamento de novos núcleos urbanos naquele município.

Itajaí, cidade situada no litoral centro norte do Estado de Santa Catarina, contava no início da década de 1970 com uma população de aproximadamente setenta mil habitantes que assistia as várias reformas que ocorriam na parte urbana e rural. Ruas estavam sendo asfaltadas e calçadas, praças sendo construídas, pontes comunicando alguns bairros, ocorria a melhoria do sistema de coleta e distribuição de água, a luz chegando a algumas áreas rurais, o telefone expandindo os contatos com outros centros urbanos, enfim a cidade vivia os benefícios da vida moderna, e para isto era preciso não só construir, mas limpar e embelezar a cidade. O então Prefeito Frederico Olindio de Souza, chamado popularmente de Fred, que esteve no poder durante o mandato 1973/1977, tinha como meta “trazer o progresso a Itajaí”¹, e para isso toda uma equipe trabalhava intensamente nas reformas da cidade.

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Membro da Sociedade Sul Americana de Estudos da Terra – SSAET. Bolsista da CAPES. UFSC. Orientadora: Prof. Dr^a. Cristina Scheibe Wolff; Co-orientadora: Prof. Dr^a Eunice Sueli Nodari.

[...] A CASAN procede atualmente à reforma geral da Estação de Tratamento de Água de Itajaí [...] Essas providências [...] significarão maior quantidade e melhor qualidade do precioso líquido.²
 [...] Nossa cidade contará, em breve, com mais quatro mil aparelhos telefônicos e será servida pelo sistema de DDD (Discagem Direta à Distância).³

Além da aparente busca da Administração local por uma melhor qualidade de vida para seus moradores e visitantes, nota-se também o anseio por deixar a cidade limpa e bela. Isto fez com que a tubulação do esgoto passasse a ser motivo de preocupação quanto ao teor estético e sanitário, ruas eram varridas e carpidas, o mato dito daninho dos canteiros era substituído por flores ou plantas ornamentais, e desta forma a paisagem⁴ urbana foi sendo adaptada ou alterada. Esta preocupação com a limpeza e embelezamento da cidade, não foi só do Poder Público, mas também da população. Em grande parte dos boletins informativos consultados da Prefeitura Municipal⁵, são enfatizados os serviços de limpeza e embelezamento, como se evidencia nas notas a seguir:

[...] Os projetos de novas redes de Água e Esgotos contratados pela Prefeitura e a serem postos em prática [...] livrarão Itajaí de um dos seus mais antigos e graves problemas.⁶
 [...] Sr. Adão César Pereira, encarregado dos serviços de limpeza urbana, está com sua equipe agindo em todas as ruas calçadas da cidade. Varrição e capinação são os principais trabalhos em execução. Enquanto isso, o jardineiro da municipalidade está providenciando a recuperação das praças, jardins e avenidas da cidade...
 [...] Felizmente são poucos os que moram no Bairro Costa Cavalcanti que não desejam o Progresso nem a limpeza da fachada de suas casas. Quatrocentos e cinquenta famílias [...] foram às ruas com suas enxadas para capinação e remoção do capim, ruas que pareciam festa, como se tivesse dado a louca no bairro. As ruas, praças e jardins ficaram limpos [...] e a nota de limpeza ofereceu aos olhos um convite ao bem estar. O bairro ficou mais alegre, mais vivo, mais amplo, mais livre⁷.

Deixar a cidade agradável visualmente poderia estar também relacionado ao grande fluxo de turistas que Itajaí recebia, vindos na sua maioria de Balneário Camboriú, pois este centro, na década de 1970, já era considerado uns dos pontos mais badalados do veraneio em Santa Catarina. Badalado o bastante para fazer com que, buscando o aumento do fluxo de turistas na cidade, verbas públicas fossem liberadas para promover a melhoria da estrada que comunica Itajaí a Balneário, o que vinha ao agrado dos comerciantes itajaienses.

[...] o asfaltamento da estrada Itajaí – Balneário Camboriú, obra prioritária para a região que é comprovadamente o maior manancial turístico catarinense, será até o final deste ano, uma doce realidade, de acordo com promessa das autoridades estaduais. Promessa que, temos confiança, mais uma vez será cumprida⁸...
 [...] Já está quase que totalmente asfaltada a rodovia que liga Itajaí ao Balneário de Camboriú, conhecida como Rodovia do Turismo.⁹

O que deveria ser mostrado aparecia nos vários comunicados nas páginas do boletim da Prefeitura, porém um pouco desta história não parece figurar no discurso da administração local. Por outro lado, poucas são as citações em outras fontes escritas. Por que a vida às margens desta estrada, não fazia parte do discurso da Prefeitura Municipal? Esta pergunta surge automaticamente perante a análise destes discursos, pois na Praia Brava este progresso-limpeza parece ter permanecido ausente, ainda mais que na época, esta localidade já abrigava alguns lares, casas noturnas e bares. Noto que neste processo de urbanização da cidade, não ocorre a inserção da Praia Brava, mas por outro lado, esta urbanização, rumo a uma modernização, atingiu de passagem a praia, através da

pavimentação da estrada que comunica Itajaí a Balneário Camboriú. Antes de continuar esta discussão, considero proveitoso fazer uso das falas que procuram dar idéia ao cotidiano¹⁰ e ao cenário da Praia Brava deste tempo.

Na década de 1970 quando a família Costa¹¹ migrou do sul do Estado para Itajaí, para morar na Praia Brava, era possível contar quantos habitantes havia, ao contrário de hoje quando é possível contar quantos terrenos vagos ainda existem. Eram umas três ou quatro casas de ponta a ponta da praia, cujo estado de solidão era visto apenas na orla marítima, já que as margens da rodovia e região havia muitas moradias, bares, casas de prostituição e salões de baile, o que fazia com que esta região fosse muito movimentada. Esta condição pode ser visualizada na planta da cidade de Itajaí de 1969¹². Neste mapa a população se concentrava próxima à estrada Itajaí - Balneário de Camboriú (atual Osvaldo Reis), principalmente entre a estrada Cassino da Lagoa e a Ponte do Rio Ariribá. Ainda, neste mesmo mapa com relação à orla marítima, existe apenas a estrada que dava acesso ao Cassino da Lagoa, de onde partiam dois traçados de ruas sem denominação e sem ligação a outras vias.

Esta parte do bairro, à beira da atual Rodovia Osvaldo Reis, se constituía num local perigoso, e ao mesmo tempo criava um certo receio pela população que não morava no local. Frequentar a Praia Brava era motivo de comentários, já que ali era considerado local de bandidos e prostitutas. “Minha mãe me falava para não ir à Praia Brava”¹³ lembra Cristiane. Ainda o Sr. João Francisco, numa entrevista concedida a Francisco Braun Neto¹⁴, quando realizou um trabalho com os alunos da Escola Básica Iolanda Ardigó, no Bairro Praia Brava, relata que,

[...] Tinha muito negócio, muito crime, muito assassinato por causa das boates, isso acumulava muita gente de fora, então o pessoal estava foragido da polícia ou coisa parecida, aí vinha se encostava ali (sic) vinha para ali, uma mulher daquela se amarrava nela. Então ficava escondido lá no quarto, então ela trabalhava pra sustentar ele no caso, aí dali começou a surgir matéria de crimes, drogas¹⁵...

Isto me faz pensar que quando funcionavam estes estabelecimentos comerciais, a Praia Brava, foi vista como um referencial de malandragem, que durante aquela época se manifestava nas falas de algumas pessoas. Ainda hoje a Praia Brava parece ser estigmatizada pelo seu passado

Baseio-me aqui nas narrativas da família de Albino, e outros moradores mais antigos, para de alguma forma visualizar a cotidianidade da praia e sua representatividade. Num primeiro momento a família de Albino, foi morar na casa de um sobrinho localizada na estrada que liga a Balneário. Mas, logo se instalaram na orla marítima, pois segundo ele, na área em que seu sobrinho morava dava muita briga, o que me faz ver que existiam tensões na comunidade e também por que a terra era muito barata, quase de graça, rememora Albino. Ninguém queria viver na região, já que era considerado um local muito perigoso, chamado de deságüe de corpos, segundo Nilo¹⁶ que residia na praia e trabalhava numa das boates do bairro.

Albino não se importou com os comentários a respeito da praia, pois ele precisava de um local onde morar. A solidão da praia não o incomodou, pelo contrário o agradou, não só a ele, mas a sua família, pois estavam acostumados ao campo como ele mesmo rememora, “Nós gostávamos dali, porque nós morávamos lá no sítio, no meio do mato, acostumado a trabalhar na roça e tudo”¹⁷....

Os primeiros anos segundo Margarida, esposa de Albino, foram difíceis já que não havia nada perto e não tinham vizinhos próximos. Também a sua situação econômica os impedia de morar em outro local e segundo ela, por serem muito pobres, as crianças iam

descalças para escola, em dias de chuva chegavam molhadas já que não possuíam trajes adequados. Plantavam o que consumiam. Ela ainda se emociona quando relembra aquela época, “olha não foi fácil, o que a gente passou”. Por outro lado seus filhos, “Vera e Adilson se criaram soltos”, conta Margarida¹⁸, “a praia toda era para eles”. Se houve dificuldades, também houve alegrias, “... e as crianças, né, brincavam por tudo, era uma beleza. E daí na lagoa, daí tinha a ponte, e atravessavam pra lá. Era muito bonito”.

Fazia parte do cotidiano desta família, ver mulheres nuas, já que estas chegavam até a sua casa pedindo roupas, pois as delas tinham sido roubadas. Estas mulheres eram da zona lembra Margarida. Estes fatos de certa forma quebravam o ritmo do dia, pois se por um lado se vivia tranqüilo, por outro havia uma constante tensão, de medo, de insegurança, por não saber quem batia na porta. “Eu ficava sozinha com as crianças, pois Albino trabalhava como pedreiro em Balneário Camboriú, eu tinha medo”, lembra Margarida¹⁹. Esta insegurança, de viver num local afastado e solitário, se relacionava ao que eles vivenciavam, como estupros, tráfico de drogas, e algumas vezes mortes.

Neste contexto, o progresso, tão enfatizado pelo Prefeito Frederico Olindio, também chegava ao território da Praia Brava, e por assim dizer, este local marginalizado e esquecido de outrora, de alguma forma passava a figurar na urbanização de Itajaí. Não, ao que parece, de forma direta, mas sim de passagem, pois a Praia Brava encontrava-se entre essas duas cidades.

A empresa BRUSTERRA, máquinas da Prefeitura Municipal de Itajaí e caminhões particulares estão fazendo a remoção de terras necessárias à retificação das curvas da estrada Itajaí – Balneário Camboriú. Dois contratos já assinados pela Prefeitura somam aproximadamente 30.000,00 possibilitando a remoção de milhares de caminhões de terra. Além disso, a Prefeitura contratou com a Empreiteira COMPAVI LTDA. a preparação da base e sub-base a paralelepípedos, que em seguida será recapada com asfalto... Nota-se claramente o esforço do Prefeito FRED (Frederico) de Itajaí, para o tão esperado asfaltamento da estrada do turismo, [...] meta primordial do atual governo...²⁰

[...] Prosseguem os trabalhos acelerados de asfaltamento do trecho Itajaí Balneário Camboriú, a estrada do turismo. A prefeitura Municipal continua dando o máximo de seus esforços com caminhões, máquinas e tratores na construção do acostamento e afastamento das curvas mais perigosas. O trabalho está ficando excelente, e no próximo verão, já os turistas usarão a pista asfáltica para a tranqüilidade de todos, bastando obediência à velocidade²¹...

Era este mesmo Camboriú que começava a erguer seus altos prédios na década de 70, indicadores de progresso e de modernidade, modernidade esta, que Itajaí também estava buscando, e o que seria melhor para isto do que comunicar as cidades pela dita Estrada do turismo?

Ora, estes discursos que de alguma maneira, faziam alegoria ao progresso e a uma nova vida econômica baseada no turismo, não estaria também incluindo e excluindo sujeitos nos jogos de poder?²² As pessoas que moravam à beira desta estrada, não teriam agora que estar mudando suas posturas, ou até de local, frente à nova cara que se pretendia para Itajaí? Provavelmente sim, pois ao que parece, este cenário de bares, casas de prostituição, moradias e outros estabelecimentos, estavam sendo alterados, dando espaço a outros interesses públicos e privados. “Já faz muitos anos que fecharam a zona. Fecharam porque dava muita morte. Onde é hoje o Motel Chalé, naquela época era uma casa de prostituição [...]”²³

Compreendendo estes espaços, na perspectiva apresentada por Norbert Elias²⁴, com um sentido ambíguo, ou seja, o que parece ser público se mostra muitas vezes como privado e vice-versa. Este mesmo ponto de vista, é útil para compreender o processo de urbanização e a Praia Brava, uma vez entendendo que este espaço se mostra privado, no

momento em que algumas pessoas se reuniam numa mesma festividade. Porém, este mesmo espaço privado pode se mostrar público no momento em que as pessoas vão ali para se apresentarem, ou se mostrarem às outras, à sociedade.

Do Conselho Municipal de Turismo fomos informados que, a promoção Gineteada (Doma de cavalos chucros), touradas e boi na vara será no dia 16 de março. Os primeiros contatos estão sendo mantidos com pessoas interessadas na promoção em causa, e que terá como sede a Praia Brava, setor campestre da Sociedade Guarani²⁵...

Num destes espaços da praia pertencente a Sede campestre da Sociedade Guarany, foi realizado pelo Conselho Municipal de Turismo da Prefeitura uma gineteada ou uma doma de cavalos chucros, touradas e boi na vara. Os interessados em participar das provas, puderam fazer sua inscrição na secretaria deste clube, e ao que parece uma grande quantidade de pessoas esteve no local se divertindo com o evento, e desfrutando de um “completo serviço de churrasco e bebidas”²⁶. Mas nem tudo foi diversão neste dia, Albino²⁷ lembra que quando estavam tentando laçar o boi, a dita vara onde se encontrava o animal rompeu, pois era um eucalipto muito fino que não comportou a força do touro. As pessoas que estavam presentes correram de um lado para o outro tentando fugir do boi, que após uma grande confusão e pânico dos presentes foi laçado no meio da vegetação por um dos participantes. Uma segunda edição deste evento foi programada pela Prefeitura para acontecer no mesmo local no dia 23/03/1975, porém segundo Albino²⁸, este não chegou a acontecer.

Emílio Moran faz referência em sua obra²⁹ a um modelo de Ecologia Urbana, denominado Modelo de Chicago³⁰, o qual enfatiza a dominância do centro comercial (ou em outras palavras, a porção mais antiga da cidade) e o gradual escoamento das populações para áreas situadas fora dele na medida em que se elevavam seu *status*, renda e nível de assimilação. O modelo também explica o fato do vício e o jogo concentrarem-se em áreas não pertencentes aos centros comerciais urbanos. Ora isto parece condizer com a situação da Praia Brava desta época e das próximas décadas³¹, visto que em um primeiro momento, este local era dominado pela prostituição e os jogos de azar (existia na Praia Brava um cassino de Propriedade do Clube Guarani)³², e que foi moldando-se ao longo do tempo para acolher e bem apresentar a cidade aos turistas que chegavam pela Estrada Turismo.

A Praia Brava foi também o local escolhido para a implantação de uma pista de Kart, Kartódromo apto para “disputas internacionais, estando incluído entre os melhores do Sul do Brasil”³³. Desde quando a pista foi inaugurada na orla marítima da Praia Brava em 2 de março de 1975, muitas pessoas vieram de outras cidades para participar dos campeonatos e outras para assistirem, pois naquela época o “[...] Kartismo era uma [...] verdadeira coqueluche dos esportistas brasileiros”³⁴, o que de certa forma alterou o cenário local, e a vida de seus moradores. “Era uma festança”³⁵ cada vez que acontecia um campeonato, lembra Margarida. Isto indica que as áreas retiradas da cidade como o local em questão, eram destinadas para algum tipo de divertimento, o para aquilo que não poderia estar na área central da cidade, e isto parece ter sido o referencial que se pretendia para a Praia Brava durante estes anos. Um lugar de lazer, mas agora um lazer familiar, um lazer, que fosse bem visto pela população e pelos turistas, pela nova cara de Itajaí. Esta moralização dos espaços, ou neste caso, a moralização da praia, eliminava ou ao menos tentava esconder seu passado, onde casas de prostituição, mortes, bares, mulheres e homens constituíam o cenário, e de certa forma ainda podiam estar presentes no local, mudando ou não seu modo de ser e viver.

Com a relação à urbanização da Praia Brava, as fontes escritas da década de 1970, não citam diretamente qualquer obra pública no local durante o mandato do Prefeito

Frederico (1973-1977), o que é confirmado pelas entrevistas. Segundo Albino, “[...] foi o Gazaniga que trouxe a luz para cá, foi uns 4 anos depois que eu já morava aqui, antes só a sede Guarani tinha luz [...], foi ele também que abriu as primeiras ruas na praia”.³⁶ Amílcar Gazaniga foi Prefeito de Itajaí durante os anos de 1977 à 1983, e portanto somente após praticamente 3 anos do começo do discurso de progresso do Prefeito Frederico, é que a luz chegou na Praia Brava e que a Prefeitura passou a promover na Praia Brava a alteração de sua configuração original para um bairro urbano. “Antes só existiam as trilhas, e para nós era só na base do lampião”³⁷ lembra Albino.

Se nos dias de hoje a Praia Brava é a preferida pela maioria dos veranistas e moradores de Itajaí, na época que este trabalho discute, ela era vista com outros olhos. Uma notícia intitulada “sorriso e lágrimas”³⁸, cita Cabeçudas, e Balneário Camboriú, como o “ponto de veraneio das morenas rainhas do mar”³⁹. Há aqui uma anulação da Praia Brava como local de lazer para banho, não se fala dela, só se cita a rua do turismo, a passagem para o progresso. “Ninguém vinha fazer veraneio, ou tomar banho na praia, areia não tinha, o mar não dava para entrar, eram muito fortes as ondas. Nossa! Como a praia aumentou!”⁴⁰

Enquanto na área central de Itajaí, o objetivo administrativo era o embelezamento e a limpeza das vias públicas, a Praia Brava neste tempo, abrigava algumas moradias na sua orla marítima e, às margens da rodovia que comunica Itajaí a Balneário Camboriú, uma área de divertimento noturno. A praia permanecia inerte, apenas olhando as mudanças e assistindo ao fluxo de turistas e moradores de um centro ao outro pela Estrada do Turismo. Alguns bares, casas de prostituição, moradias, casas noturnas compunham o cenário do local, que foram aos poucos desaparecendo ou sendo maquiados, fazendo com que a relação Progresso/Embelezamento ficasse muito mais marcante durante a década de 70 em Itajaí. Isto me faz pensar que na época quando funcionavam estes estabelecimentos comerciais, a Praia Brava, foi vista como um referencial de malandragem, que durante muito tempo, e ainda hoje aparece e se manifesta nas falas de algumas pessoas.

Concluo ainda, que na Praia Brava da década de 70, o termo balneabilidade passa a ter também um significado de divertimento, mas não relacionado a banho de mar, e sim como local de encontros, comércio e outras sociabilidades, tendo como cenário, festividades, esportes (automobilismo) e em um princípio, as festas e reuniões não muito bem vistas pela sociedade, e que desta forma eram praticadas na Praia Brava para permanecerem ofuscadas, mas não ignoradas, dos olhos das famílias do centro urbano.

Notas

¹ Boletim Informativo da Prefeitura Municipal de Itajaí. Assessoria de Relações Públicas nº 40, de 6 de maio de 1974. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí

² Boletim Oficial. Assessoria de Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Itajaí. Setembro de 1973. As referências de fontes escritas feitas em este artigo, fazem parte deste boletim, mudando apenas a temporalidade. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí.

³ Boletim Oficial. Setembro de 1973.

⁴ Entendendo como paisagem a forma como as pessoas pensam determinado ambiente, na perspectiva apresentada por WORSTER, DONAL. Para fazer história ambiental. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v 4. nº 8, 1991. Pág 198-215.

⁵ Boletim Oficial da Prefeitura Municipal de Itajaí do Departamento de Relações públicas anos 1970 – 1979.

⁶ Boletim Oficial. Setembro de 1973.

⁷ Boletim Oficial nº 12.

⁸ Boletim Oficial. Ano I – nº 3, setembro de 1973.

⁹ Boletim Oficial. Janeiro de 1974.

¹⁰ Entendo como cotidiano não um simples dia a dia, mas sim como um espaço político onde se desenvolvem práticas, representações, que são estratégias de sobrevivências, é por tanto um espaço de lua, conflitos, tensões, experiências. O cotidiano não representa uma idéia de rotina, de lazer, de fatos contínuos e interligados, dando idéia de repetição e monotonia. Ele designa algo mais abrangente, capaz de captar de uma forma não ordenada, mudanças, rupturas, onde se formam novos conceitos de vida e novos modos de ser, na perspectiva apresentada por DIAS SILVA, Maria Odila. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história. Projeto 17 – História Trabalhos da memória. São Paulo: PUC-SP, 1998.

¹¹ A família Costa, nas falas de Albino, Margarida e Vera, a filha mais velha do casal, forneceu-me boa parte das fontes orais que utilizo neste artigo.

¹² Planta da cidade de Itajaí de 1969, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico de Itajaí, tomo nº MP/0125.

¹³ BARRETO, Cristiane Manique. Através de uma conversa informal nos corredores da Univali em Itajaí.

¹⁴ BRAUN, Francisco Neto. Oral history challenges for the 21st century. Xth Internacional Oral History Conference. Rio de Janeiro, Brazil, 14 –18. 06. 1998 – proceeding vol. 3

¹⁵ SILVA, João Francisco da, 41 anos. Entrevista concedida a Francisco Braun Neto. Itajaí, 11 de maio de 1996.

¹⁶ SOARES, Nilo Mari. Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna. Itajaí, 22 de outubro de 2001.

¹⁷ COSTA, Albino Domingos. 67 anos. Entrevista concedida a G. Alejandra. Itajaí 9 de agosto de 2002.

¹⁸ COSTA, Margarida Rosa. 59 anos. Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna. Itajaí 10 de agosto de 2002.

¹⁹ COSTA, Margarida Rosa. Op. cit

²⁰ Boletim Oficial. 8 de Fevereiro de 1974

²¹ Boletim Oficial nº 17 de 04 de março de 1974

²² Sobre o assunto ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

²³ COSTA, Albino Domingos. op cit. O motel Chalé ao qual o entrevistado se refere, está instalado às margens da Rodovia Osvaldo Reis, denominada nos anos 1970 como a Estrada do Turismo.

²⁴ ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

²⁵ Boletim Oficial nº 22 de 27 de Fevereiro de 1975

²⁶ Boletim Oficial nº 31, de 19 de Março de 1975.

²⁷ COSTA, Albino Domingos. Op. cit.

²⁸ COSTA, Albino Domingos. Op. cit.

²⁹ MORAN, Emilio F. *Adaptabilidade Humana: Uma contribuição à Antropologia Ecológica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. Pág. 375.

²⁸ Para uma maior abordagem ver: BURGESS e BOGUE (eds). *Contributions to Urban Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1964.

³¹ Sobre o assunto ver: LUNA, G. Alejandra G. *A Praia Brava, tão Brava Assim? Uma Análise sobre as Representações de um Território*. Itajaí: UNIVALI, 2001. Monografia de Curso (História).

³² A autora encontra-se no momento levantando fontes para a elaboração de um artigo sobre o Cassino da Praia Brava.

³³ Boletim Oficial. 26 de Fevereiro de 1975.

³⁴ Boletim Oficial. 26 de Fevereiro de 1975

³⁵ COSTA, Margarida Rosa. Op. cit

³⁶ COSTA, Albino. Domingos Op. cit.

³⁷ COSTA, Albino Domingos Op. cit.

³⁸ Boletim Oficial. Ano I, nº 4, Julho de 1973

³⁹ Boletim Oficial. Ano I, nº 4, Julho de 1973

⁴⁰ COSTA, Albino Domingos. Op. cit.